

## A POTÊNCIA DA CULTURA MARGINAL

Mônica Paranhos Coelho<sup>1</sup>

(Universidade Federal Fluminense - UFF)



### RESUMO:

O artigo propõe apresentar a necessidade de uma professora brasileira/carioca/parda e angustiada, em ter que retornar a Academia depois de 18 anos em plenos tempos difíceis, para assim tentar compreender tanto a comunidade escolar quanto a sociedade. Logo após seu retorno e já como mestrandia da UFF, um fato ocorreu durante sua aula em uma das escolas públicas, afetando e

<sup>1</sup> Professora de Educação Física das redes públicas de ensino do RJ; Doutoranda em Educação - UFF Pesquisadora do grupo de pesquisas em Pedagogia Social - PipasUFF - Coordenadora da Roda Cultural *Itinerante* Batalha do Minas e a Professora Marginal.

trazendo a si, a consciência ao retorno de sua essência, compreendendo e aceitando a sua marginalidade em prol de seus alunos, por fim se intitulando Professora Marginal. Com seus alunos e/ou jovens marginalizados, agora ocupam espaços através de convites à Roda Cultural *Itinerante Batalha do Minas* e a Professora Marginal, espaços estes antes negados pelo preconceito, mas com sabedoria, coragem e afeto, estão se conectando, trocando e expandindo saberes e fazeres em prol da dignidade humana.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Angústia, Compreensão, Aceitação, Marginalidade, Professora Marginal

## **RESUMEN:**

El artículo se propone presentar la necesidad de una profesora brasileña/carioca/morena y angustiada, al tener que volver a la Academia después de 18 años en medio de tiempos difíciles, para tratar de comprender tanto a la comunidad escolar como a la sociedad. Al poco tiempo de su regreso y ya como estudiante de maestría en la UFF, un hecho ocurrió durante su clase en una de las escuelas públicas, afectando y trayendo a sí mismo, la conciencia al retorno de su esencia, comprendiendo y aceptando su marginalidad a favor de su estudiantes, por terminar llamándose Profesora Marginal. Con sus estudiantes y/o jóvenes marginados, ahora ocupan espacios a través de invitaciones a la Roda Cultural *Itinerante Batalha do Minas* y Professora Marginal, espacios antes negados por prejuicios, pero con sabiduría, coraje y cariño, se están conectando, intercambiando y ampliando conocimientos y prácticas a favor de la dignidad humana.

## **PALABRAS CLAVE:**

Angustia, Comprensión, Aceptación, Marginalidad, Docente Marginal

Professora há 26 anos na área de Educação Física, Pós-graduada em Gestão Escolar e com histórico de questionamentos e lutas dentro da área de atuação e no magistério, a idade e os compromissos acabaram por ensurdecer essa professora com os barulhos do mundo<sup>2</sup>. Mas na trajetória de sua ainda existência, algo a afetou, retornando à sua essência e com isso, direcionando para um movimento de retorno à Academia, se tornando uma das mais novas Mestres em Educação. A bem verdade, saiu do mestrado com mais angústias do que quando entrou, mas com um conhecimento teórico que foi, absorvido e encarnado, embasando sua prática tanto pedagógica quanto política e, portanto, fomentando ainda mais reflexões, na tentativa de compreender mais e concomitantemente, de querer construir meios para solucionar problemas que cerceiam a Educação.

Sente no dever de continuar e (de assim) ajudar esta nossa sociedade. É o mínimo que se pode fazer para retribuir a paz interior, uma paz que há muito tempo não sentia, justo porque não compreendia este mundo no qual vivemos. Esta paz que adquiriu através da co-construção de um conhecimento alcançado, o qual foi concedido graças a Constituição Brasileira que garante a todos, a educação pública de qualidade. Feliz e grata por ter retornado à academia depois de exatos 18 anos. E de estar com seus pares na universidade, além do afeto que os une, esse acolhimento da academia e o sentimento de pertencimento no grupo, a deixa feliz e, possibilita ampliar o conhecimento e com isso compreender, na sua complexidade, a sociedade.

Arendt<sup>3</sup> já anunciava que vivemos em tempos difíceis... ser e se anunciar professora já requer um certo cuidado, imagina ser e se anunciar como Professora Marginal<sup>4</sup>. Por si só a palavra marginal em nosso cotidiano choca, faz muita gente franzir a testa, Professora Marginal então??? Essa é a

---

<sup>2</sup> Ler Martin Heidegger

<sup>3</sup> Arendt, Hannah. *Homens em Tempos Sombrios*.

<sup>4</sup> Vulgo da Pesquisadora Mônica Paranhos Coelho (Coelho, 2019, p.38)

intenção... provocar! Provocá-los à reflexão! Então quem é a Professora Marginal e como chegou a esse termo?

## **O processo de marginalização... o marginalizado... o marginal.**

Toda vez que há uma tragédia no âmbito social em curso ou se anunciando, voltamos ao passado histórico e observamos que a maioria dos conflitos é de cunho cultural. Certeau em seu livro “Cultura no Plural”, diz que a cultura hegemônica acha bonito, belo, aquela cultura que está longe ou morta, como por exemplo, o folclore. Mas quando está próxima, denunciando o sistema do qual a cultura hegemônica partilha, passa de bonito e belo para feio, tornando-se uma cultura maldita, uma cultura marginal.

Cada aluno possui o seu capital cultural<sup>5</sup> e deveríamos respeitar a sua cultura com o seu saber e fazer, mas para manter o sistema em prol do poder vigente, igualam todos com direitos e deveres educacionais, esquecendo que a sociedade é plural e complexa. No livro “*Jovens e Cultura Marginal*<sup>6</sup>: do mínimo ao máximo - derrubando muros - Coleção: *Pedagogia Social*<sup>7</sup> para o século XXI – Volume III – Mônica Coelho 2019”, mostra bem essa realidade. Nele constam as ações e reações de uma gestão escolar de um colégio estadual do RJ, quando percebe que a cultura marginal ameaça o sistema local através do grêmio estudantil, e as ações e reações desses alunos com o apoio da professora, ao tentar abrir a escola e a comunidade para a diversidade cultural. Mas tanto os alunos como a professora foram impedidos de continuarem os projetos. O que fazer, então? Vamos pra praça professora!

“Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética.” (FREIRE, 1996, p.52)

---

<sup>5</sup> Conceito cunhado por Bourdieu afirmando que o indivíduo possui uma vivência cultural (familiar e social) antes de adentrar numa instituição educacional.

<sup>6</sup> Nesta escola a cultura marginalizada é a do Hip-Hop e suas vertentes (grafite, break e rap).

<sup>7</sup> Por ser uma pedagogia voltada aos vulneráveis, promovendo uma educação inclusiva, capacitando a estes, romperem barreiras sociais para o aprendizado da vida.

## Mas quem é a Professora Marginal? Como surgiu? O que faz?

Diante da observação do aumento da violência em unidades escolares, crises de ansiedade, depressão, automutilação e tentativas de suicídio entre adolescentes e jovens, e o aumento do número de massacres em escolas, fizeram com que a professora Mônica Coelho retornasse à Academia. E foi dentro desse contexto histórico que surge a Professora Marginal. O termo nasceu por um acaso e foi este que libertou o pensamento da professora, na época já orientanda do mestrado. Mediando uma discussão entre alunos e direção, um dos alunos indignados pela resposta da diretora, de que o uso do boné poderia disfarçar um marginal, um dos alunos disse:

- *Prof. se a senhora pode entrar de boné (professora Mônica Coelho usa boné), nós também pode! Se nós podemos ser confundidos com marginais, a senhora também pode ser marginal!*  
(Coelho, 2019, p.73)

Uma série de questões foram levantadas até que o outro aluno, rindo de nervoso da situação, disse:

- *Já pensou, Professora Marginal?*

Foi quando a professora lembrou de sua juventude e percebeu que poderia fazer mais por eles porque era igual a eles... este foi o seu momento “*kairós*”!

O termo Professora Marginal, surgiu, portanto, através de questionamentos de seus alunos e da indignação de sua pessoa com relação ao sistema educacional. Então com os seus alunos marginalizados, construiu sua pesquisa de mestrado, na qual resultou no livro antes citado.

Esse termo é potente porque nasceu dentro do ambiente escolar e desde então a Professora Marginal com suas reflexões e ações tenta junto com outros a desconstruir essa imagem sobre a marginalidade.

---

<sup>8</sup> Mitologia Grega – deus do tempo oportuno.

Primeira coisa que devemos compreender é o conceito de marginalidade. Dentro de uma sociedade cujas diferenças sociais, culturais e econômicas são gritantes, a marginalidade é algo inerente, infelizmente. Sempre terá aquele ou aquela que estará à margem da sociedade. Alguns exemplos:

A Mulher numa sociedade patriarcal é marginalizada;

O Homossexual numa sociedade homofóbica é marginalizado;

O Preto numa sociedade racista é marginalizado;

O Aluno com cultura diferente do ambiente escolar é marginalizado;

A Professora com saberes diferentes do ambiente escolar é marginalizada;

O Ateu numa sociedade cristã é marginalizado;

O Rapper diante da cultura erudita é marginalizado etc.

Ou seja, ninguém nasce marginal, nos marginalizam, nos transformam em marginais...

Por isso a importância dessa desconstrução da palavra marginal. Conhecem a frase: “*Todo bandido é marginal, mas nem todo marginal é bandido!*”? Por isso o termo PROFESSORA MARGINAL.

Trecho retirado do texto de Oliveira (2010)

“Cabe ao professor reeducar-se a si próprio como condição para aperfeiçoar-se e pôr-se acima das contingências do meio. É tomando consciência da situação e das exigências [...] especiais que ela impõe ao educador que os professores brasileiros poderão arcar com o extraordinário dever de advogado ex-ofício dos interesses educacionais descurados da comunidade brasileira. Contra tudo, contra todos e até contra motivos pessoais egoísticos precisa lutar o educador brasileiro para atender e pôr em prática uma filosofia educacional construtiva, capaz

de mudar a mentalidade do homem por meio da educação das novas gerações e da reeducação das velhas.” (Fernandes, 1966, p.122)

É preciso entender que tudo tem uma evolução histórico-cultural e não será com radicalismo que desconstruiremos o termo marginal, dessa forma vista, depreciativa, na tentativa de avançar na questão. Os grandes pensadores já passaram a fórmula e será somente com amor, sabedoria, coragem e diálogo que conseguimos provocar a reflexão nas pessoas e quem sabe a sua transformação.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (Freire, 1999, p. 104)

A exemplo do livro citado, há muitas outras escolas, principalmente as do interior de muitos estados brasileiros, servindo de células de poder locais<sup>9</sup>, mantidas através da reprodução educacional<sup>10</sup> constantemente vigiadas com seus panópticos<sup>11</sup>, manipuladas e controladas por vários CECs<sup>12</sup> com doutrinação religiosa<sup>13</sup>, atendendo a grupos conservadores nas questões morais e liberais na economia, à manutenção do poder vigente. Censurando, perseguindo, assediando tanto alunos quanto professores, os deixando doentes, através dos impeditivos à realização de seus papéis, um de conscientizar o aluno ao senso crítico e do outro em exercer sua autonomia e liberdade. Somente na marginalidade conseguimos refletir, discutir e agir sobre tais assuntos dentro destas instituições

---

<sup>9</sup> *Microfísica do Poder*. Foucault, Michel.

<sup>10</sup> *A Reprodução – Bourdieu e Passeron*. É uma condição fundamental para a existência de um sistema com base na dominação, de modo que, para que os moldes existentes de uma organização social permaneçam, é necessário que as instituições educadoras, se tornem cada vez mais eficazes agentes de reprodução social.

<sup>11</sup> *Vigiar e Punir*. Foucault, Michel.

<sup>12</sup> Conselho-Escola-Comunidade

<sup>13</sup> Para manter o poder vigente (bancada evangélica principalmente) os membros que pertencem a esse poder controlam o CEC utilizando a religião como forma de doutrinar e manipular os outros membros da comunidade escolar (alunos, pais, docentes, funcionários etc.) gerando ódio e a intolerância à outras religiões e culturas. Poder mantido através da superioridade cultural e religiosa. Infelizmente o ensino religioso no Brasil não atende a laicidade, as escolas brasileiras têm manifestações de crenças conforme análise feita (Questionário Diretor Prova Brasil 2011). Ou seja, há um proselitismo velado.

construídas e marcadas pelo poder, patriarcado e religião. Trabalhar na margem é a única via possível, por enquanto...

A professora marginal não nasceu por acaso... Tanto que na orelha do livro “*Professora marginal – Trajetórias e movimentos - Coleção: Pedagogia Social para o século XXI – Volume VI*”, encontra-se com o seu mini currículo uma foto de uma carteirinha de colégio da antiga sétima série da Educação Básica, tanto a orientadora quanto a editora questionaram perguntando o motivo de tal ato e respondeu dizendo:

- *Nosso currículo só começa com a graduação?*

É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, mas apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. (Santos, 2010, p.89)

Romper o ideal acadêmico é preciso, pois este é fruto da elite cultural que se encontra há séculos na academia. São com pequenas ações contínuas que provocamos por dentro, o movimento contra o sistema.

“reformas sociais com implicações revolucionárias para a transformação da ordem estabelecida” (Fernandes, 1995b, p.177). Segundo o sociólogo, a importância dessas “revoluções dentro da ordem” pode ser medida pela dedicação dos países centrais em formar técnicos e especialistas em “reforma social”, profissionais que lidam setorialmente com a precipitação e a eficácia das técnicas e ideologias que alimentam o pensamento abstrato, mas o subvertendo para criar um substrato cultural das inovações mais urgentes e, assim, equilibrar e aperfeiçoar as instituições-chave da sociedade. (Oliveira, 2010, p. 48)



As formas de ações podem ser várias, mas somente na marginalidade que “consequimos *invadir o campo do inimigo e assim dominá-lo*” comentário da Orientadora Marginal Professora Doutora Margareth Martins <sup>14</sup> sobre o estudo do livro *A Arte da Guerra de Sun Tzu*.

Mais uma dessas ações marginais, após o impeditivo da escola, está sendo trabalhar com os jovens nas praças públicas e/ou fora da escola, acolhendo-os através da sua cultura, da sua linguagem, da sua corporeidade<sup>15</sup>, tentando compreender com eles a nossa realidade e assim tentar juntos, ações que façam diferenças para nós e outros iguais.

São poucas as perspectivas ou quase nenhuma em países cuja desigualdade social é gritante, ainda somado a um Estado controlador e opressor, portanto, se faz necessário o acolhimento e a hospitalidade desses grupos, quando afetados, interagem trocando saberes e fazeres e é nesta conexão que lhes é apresentado um conhecimento que lhes foi negado, que contribuiu para a manipulação e doutrinação desses grupos. Apresentar-lhes o conhecimento que os emancipe e os liberta é um ato marginal, e por isso ratifico que somente através da marginalidade alcançaremos tal objetivo.

*“Seja Marginal Seja Herói” (OITICICA, 1968)*

A pedagogia social é uma pedagogia marginal<sup>16</sup>. Ela vai na contramão das várias formas de reprodução educacional, a pedagogia social é a única<sup>17</sup> que entende e atende essa sociedade complexa, com toda a sua diversidade e diferença. Antes de conhecer a pedagogia social, a base de

---

<sup>14</sup> Por realizar um trabalho revolucionário dentro da UFF, orientando a professora marginal dentro da perspectiva da pedagogia social, na qual a professora marginal também a considera uma pedagogia marginal.

<sup>15</sup> É a capacidade de o indivíduo perceber e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo. Ver fenomenologia de Merleau-Ponty

<sup>16</sup> A pedagogia social por ter sido a única que compreendeu sem julgar e por isso atende e entende as ações da professora marginal, tornando para esta uma pedagogia singular, uma pedagogia marginal.

<sup>17</sup> O fato da nossa sociedade ser uma sociedade ímpar, e por isso, é preciso de uma pedagogia diferente, uma que vá contra o sistema de reprodução educacional, uma que saiba usar a marginalidade, a “indisciplina acadêmica” para alcançar os objetivos que tiram o ser humano de sua vulnerabilidade. A professora marginal como a pedagogia social, se utiliza da marginalidade e da “indisciplina” como atalhos epistêmicos, não praticados em outras pedagogias, e por isso se torna a única pedagogia possível de êxito para sociedades em tempos tão difíceis.

formação da professora marginal, foram os projetos sociais em favelas e praças desde 1993 com crianças, jovens, adultos e idosos. Tendo êxito em seus trabalhos, levou sua prática para dentro das escolas a partir de 1996 na rede particular e 2003 na rede pública, e por tais práticas, foi intitulada de professora maluquinha. Depois do seu encontro com a Pedagogia Social em 2017 e da “conversa” com seus alunos, a antes intitulada Professora Maluquinha passa a ser a Professora Marginal. A Pedagogia Social foi a única que acolheu essa professora, que agora com sua práxis, realiza um trabalho diferenciado e que incomoda muita gente. Interessante frisar que enquanto professora maluquinha tudo estava “tranquilo”, mas quando aceita a responsabilidade e assume a missão de ser a Professora Marginal, trabalhando com seus alunos marginalizados, passou a se tornar um “calo no pé” para a sociedade educacional, tanto na esfera municipal, estadual como federal.

Em 2020 a professora marginal participou da disciplina - *Filosofias Interculturais: Educação e Natureza em Questão* com os professores Juliana Merçon (México) e Walter Kohan (Argentina) - UERJ, desde então acredita que esta episteme é a única que confronta realmente o sistema capitalista.

O movimento epistemológico da Interculturalidade faz avançar na questão de uma nova humanidade. As outras epistemologias foram “sequestradas” pelo capital, pelo estado, por conta do liberalismo econômico, contribuindo ao individualismo e ao identitarismo<sup>18</sup>, fomentando o ódio entre iguais. O sistema educacional reprodutor fomenta este tipo de ódio, precisamos estar atentos a este movimento destrutivo do *ser* e abraçar a interculturalidade nas escolas, pois esta sim favorece o plural, a diversidade, a natureza e toda a sua complexidade.

---

<sup>18</sup> Chamamos de “Identitarismo” aquelas posições doutrinárias que enaltecem identidades. Se isso vem pela direita, em geral as identidades apontadas são alimentadas pelo nacionalismo e pelas religiões, em especial as religiões de maiorias. Quando o tema vem pela esquerda, as identidades apontadas são as de minorias recortadas não só positivamente, mas de maneira mais presente pelas tentativas de reconhecimento e defesa. (GHIRALDELLI, Paulo. *O Identitarismo é filho do neoliberalismo e namora com o fascismo*. 2021. <https://ghiraldelli.online>)

A Pedagogia Social vai além do humano, ela atende a própria natureza. Compreendendo que a interculturalidade<sup>19</sup> é a episteme que mais atende a pedagogia social, que são nas interações das culturas, o único caminho para a sobrevivência de nossa espécie e do planeta. Devemos, portanto, apresentar aos alunos e o mais cedo possível e às novas gerações, toda a diversidade e diferença que existem dentro de nossa espécie no planeta, para melhor compreensão do outro, e assim aprender a respeitá-lo, independente de etnia, raça, sexo, cultura, gênero ou religião.

Como professora de educação física de escolas públicas trabalhamos temas como corporeidade, cultura popular e folclore, mas foi impedida de realizar o trabalho em uma das escolas, justo por esta estar associada a Bancada Evangélica<sup>20</sup> que como tal sabemos, usam pautas conservadoras, retrógradas e puritanas. Portanto, questões relacionadas à estética e a ética são vistas como uma afronta ao poder local.

Lembrando uma frase de Oscar Wilde, “A vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida” para melhor compreensão “A arte reflete a vida e a vida imita a arte” – ambas dizem exatamente o seguinte, que o artista observando o cotidiano provoca com sua arte, uma reflexão no *ser* e, que este imitará a arte, fazendo avançar o sentido do *ser*. Por isso a arte é tão cerceada em tempos difíceis. A arte liberta...

E foi somente através de instituições ligados à cultura e passando a trabalhar em praça pública que estamos avançando com a ideia de outra educação<sup>21</sup>, conseguindo estreitar o diálogo com os jovens, através das várias linguagens existentes da cultura marginal.

---

<sup>19</sup> Seria a interação do diálogo entre duas ou mais culturas de forma horizontal e sinérgica. Propõe um movimento de respeito mútuo entre as culturas, promovendo a compreensão da natureza plural, a importância do conceito de comunidade e assim buscar respostas aos problemas mundiais dessa nossa humanidade.

<sup>20</sup> É um termo aplicado a uma frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil composta por políticos evangélicos de partidos políticos distintos, principalmente da ala conservadora.

<sup>21</sup> Relacionado à tese da doutoranda Mônica Coelho. Essa outra educação é a Educação Luminosa. A doutoranda chegou a este “conceito”, inspirada pela expressão sempre dita por sua orientadora no mestrado, Professora Doutora Margareth

Percebendo o avanço desse movimento com os jovens através da Roda Cultural *Itinerante* Batalha do Minas e a Professora Marginal<sup>22</sup>, instituições municipais, estaduais e federais ligadas à cultura, à assistência social, à educação, entre outros, convidam a Roda para trocar saberes com jovens, alunos, estudantes universitários e professores, pois percebem que através das rimas, poesias, desenhos, danças, roda de conversas, entrevistas, podcasts e livros, outras e novas perspectivas são anunciadas e compreendidas ao processo de ensino-aprendizado.

É necessário e urgente a mudança no currículo escolar na construção de disciplinas que apresentem aos alunos essas outras culturas, essas outras linguagens e tudo que vem com elas, as formas de interagir com o outro, o conhecimento e o respeito à natureza, o autocuidado etc. Mas como, diante de uma educação reprodutora, fiscalizada pela bancada evangélica? É imensa a dificuldade de seguir com as leis brasileiras 11.639/03<sup>23</sup> e da 11.645/08<sup>24</sup> no cotidiano das escolas, as quais poderiam contribuir ao avanço de pautas importantes como o combate ao racismo e ao preconceito, são muitos os fatores para que isso ocorra: o *campus socia*<sup>25</sup> e *habitus* do docente; a falta de conhecimento teórico e de ações interdisciplinares por parte dos docentes e a recusa da própria instituição escolar dominada

---

Martins – “*Mônica, o seu trabalho é luminoso!*” Nada tem a ver com o Iluminismo de Rousseau, mas sim com a Liberdade do *Ser* adquirida através da Coragem e da Luz do Conhecimento. Gerando a energia necessária não só para sair da caverna, mas para destruí-la...

<sup>22</sup> Com a proibição do projeto “Batalha de Rimas” no colégio estadual, a professora atendeu então a demanda dos alunos e deu início a atividade cultural com apoio de organizações sociais, na praça ao lado do colégio, também intitulada de “Praça do Minas”. De junho 2018 a dezembro de 2018 a Professora Marginal organizou comissões abrindo espaços para outras pessoas interessadas na roda e quem pudesse administrá-la e, desde janeiro de 2019 a Professora Marginal está como coordenadora e colaboradora da roda, a mesma que já participa da liga estadual de rimas e de *slam*, almejando o nacional e nas apresentações em eventos sociais, educacionais e culturais externos.

<sup>23</sup> A obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na rede de ensino.

<sup>24</sup> A obrigatoriedade da temática “História e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na rede de ensino.

<sup>25</sup> A teoria proposta por Pierre Bourdieu representa um espaço simbólico, no qual lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações. As maneiras, gostos, estilos de vida e linguagens incorporadas dentro do *campus*, é o seu *habitus*. Poder simbólico.

pela bancada evangélica através do CEC mesmo sendo o Brasil um país laico<sup>26</sup>, com sua educação laica, ambos garantidos pela nossa Carta Magna, a Constituição, são alguns dos impeditivos.

O laicismo contém em seu ideário uma vocação universalista, racionalista e civilizadora; e, por tudo isso, postula o movimento comprometido com o aprofundamento e a expansão dos direitos humanos no contexto de um universalismo civilizatório, com seres humanos como indivíduos e principais protagonistas da história. A igualdade e a liberdade que o laicismo reclama é o desenvolvimento integral e autônomo da consciência livre como valor supremo do processo de humanização e civilização dos povos. Estes valores não apenas impõem uma elaboração teórica, mas também uma estratégia. (Ojea, 2002 apud Jares, 2008, p.37)

A nossa educação não atende as demandas dessa geração intercultural do século XXI. Ou seja, diante da grande demanda que é a liberdade individual e as interações interculturais, o jovem se vê submetido a pautas de séculos passados, como a questão religiosa e a opressão, para fins de doutrinação, disciplina e de poder.

Para um país como o nosso, ratifico a necessidade de uma pedagogia marginal onde é preciso que o intelectual esteja e atue na margem, que saiba usar as máscaras, apartidário, destemido, sábio, estrategista, impiedoso, pronto para o front contra os inimigos do povo, um professor marginal...  
Estar na margem, nos liberta e salva...

---

<sup>26</sup> O Estado não interfere nos assuntos religiosos e vice-versa.

## Algumas Poesias da Professora Marginal com Ilustrações do Artista Plástico Allan Mordred

A professora aceita e assume a marginalidade para ajudar os seus iguais, os “diferentes”, “alunos marginais”, sujeitos produtos do processo de marginalização educacional de nossa sociedade.

### *Direto*

*Marginal e professora  
Só podia dar em uma coisa  
Professora Marginal  
Com coragem e ousadia  
Enfrenta as tretas dessa vida  
Por uma utopia etc. e tal  
Lembra como foi brabo sua juventude  
Por isso luta nesta vida em dizer  
Que o jovem deve ser amado  
Compreendido e respeitado  
“Coitado desse aí...  
Precisa de terapia...”  
A professora marginal manda o papo  
Reto e direto...  
Depressão e ansiedade não são doenças juvenis!  
São sequelas de alguns adultos imbecis!*



Diante das ações destrutivas do *ser*, a professora é afetada e se vê no outro, compreende que a escola é um campo de saberes diversos, plurais, e partilha com o outro a luta por uma escola viva, contra aqueles que querem mantê-la morta...



### *Por que?*

*Por que a “escola” continua assim?*

*Uma DROGA!*

*Por que não pode ser diferente?*

*Uma com a cara da gente*

*Alegre, descolada, pra frente*

*Não aguento mais essa “escola”!*

*Opressora, repressora e excludente*

*E tão incompetente que não vê*

*Que antes de tudo... sou GENTE!*

## **BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO, Margareth Martins. *Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras*.

São Paulo: Expressão e Arte, 2015. (Coleção Pedagogia Social – v.8)

ARENDT, Hannah. *Homens em Tempos Sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 2012.

COELHO, Mônica Paranhos. *Jovens e Cultura Marginal: do mínimo ao máximo – derrubando muros*. Curitiba: Editora CRV, 2019. (Coleção Pedagogia Social para o Século XXI – v.3)

\_\_\_\_\_. *Professora Marginal – Trajetórias e Movimentos*. Curitiba: Editora CRV, 2021. (Coleção Pedagogia Social para o Século XXI – v.6)

\_\_\_\_\_. <https://anchor.fm/canal-da-professora-margi>, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARES, Xesús R. *Pedagogia da Convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

MERÇON, Juliana. *Interculturalidade, natureza e educação – Afetos Filosóficos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2020 (Coleção Ensaio – v.8)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. *Florestan Fernandes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

**COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Paranhos Coelho, Mônica (2023); A potencia da cultura marginal; En: <http://quadersanimacio.net> n° 38; Julio de 2023; ISSN: 1698-4404**